

O que você está fazendo agora?

Três contribuições para o debate sobre microblogs

Carla Rodrigues

Introdução

A partir de uma análise do microblog Twitter, este artigo pretende discutir três aspectos relativos ao uso de ferramentas de rede social e interação que se valem da combinação web/telefone celular para veiculação e atualização de mensagens: 1. a compressão espaço/tempo proporcionada pelo crescente uso de dispositivos móveis integrados em rede; 2. o aspecto da vigilância voluntária a que se entregam os usuários desses dispositivos; 3. a *lifestream* e a configuração do sujeito como uma referencialidade aberta, na medida em que os microblogs funcionam como agregadores de conteúdo que apresentam o seu autor como um conjunto de links.

A partir desses três itens, discute-se como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão transformando o “estar conectado em rede” em um estado permanente do sujeito.

O Twitter – características e funcionalidades

Um sistema de publicação de mensagens de até 140 caracteres que permite envio e recebimento de textos pelo telefone celular. Definido pelo seu criador como um “sistema telegráfico da web 2.0”, o Twitter¹ faz basicamente uma pergunta – “o que você está fazendo agora?” – e parte do princípio de que a sua rede social está tão genuinamente interessada nessa informação que vai te “seguir” (tradução para *follow*) para saber a resposta.

Criado em 2006 na Califórnia pela startup Obvious Corp, o Twitter alcançou cinco milhões de usuários em 2008 e oferece duas maneiras de o assinante ficar atualizado: via web ou no celular, pelo recebimento de mensagens de texto ou da instalação de aplicativos que mantêm o sistema ativo no telefone. Para o envio de mensagens, é possível atualizar o Twitter por uma interface adaptada para aparelhos móveis² ou encaminhar os textos via SMS, em serviço disponível apenas nos EUA³. O Twitter é a mais popular das ferramentas de microblogs – multiplataforma de atualizações curtas, que combina características de blog e rede social –, e as suas possibilidades de uso ainda estão sendo descobertas.

O ano de 2008 foi decisivo para o crescimento do sistema, como mostra o relatório *State of Twittosphere*⁴: foi quando 70% dos usuários aderiram ao sistema, em média de cinco a 10 contas foram abertas por dia, 35% dos usuários do sistema tinham cerca de 10 seguidores e 9% dos usuários não seguiam nem eram seguidos.

Tendo como objeto de estudo o Twitter, os pesquisadores Akshay Java e Tim Finin identificaram nele três tipos de usuários: 1. as fontes de informação já consagradas nas mídias convencionais; 2. a rede de amigos e familiares; 3. as pessoas que estão apenas buscando informações, e não têm seguidores, porque não publicam e apenas seguem outros tuiteiros. Java e Finin apresentam classificação dos quatro principais tipos de uso do Twitter: 1. informações sobre rotinas diárias, conteúdo mais comum no Twitter; 2. conversas diretas entre pessoas ou grupos, recurso utilizado por 21% dos usuários; 3. compartilhamento de links interessantes e indicação de bons links; 4. veiculação de notícias que são importadas por mecanismos automáticos, como fazem grandes empreendimentos de mídia (Java; Finin, 2009). É possível seguir grandes jornais como o New York Times, que atualiza suas áreas de notícias no Twitter automaticamente.

O que se observa é que os grandes meios de comunicação ainda estão apenas publicando conteúdos automaticamente e por enquanto a maioria deles se vale de um sistema de integração⁵ que permite ao usuário importar conteúdo de outros sites via Twitter, que funciona assim como mais uma plataforma de veiculação do conteúdo já produzido. Blogueiros também incorporaram os microblogs na divulgação dos seus textos⁶, que podem estar misturados a curtos registros pessoais.

Além de publicar pequenas notas, a área de interação do Twitter permite que os seguidores de um determinado canal enviem mensagens. É possível escolher entre escrever diretamente – o que as torna privadas – ou enviar respostas públicas, funcionalidade que deve ser previamente autorizada por quem está sendo seguido. Nos dois casos, o aplicativo mantém a comunicação direta, mas quando as respostas são publicadas o tipo de interação estimula a participação de diferentes usuários na mesma conversa.

O Twitter promete ao usuário a possibilidade de estar “hiperconectado” com seus amigos e sempre saber o que eles estão fazendo. O que pode parecer uma

avalanche de informações não necessariamente úteis é apresentado assim: “Twitter coloca você no controle e se torna um moderno antídoto para a sobrecarga de informação”. O sistema tem como aliado uma ampla e crescente base de telefones móveis dotados de capacidade de navegação e de instalação de aplicativos.

Aos iniciantes no Twitter, o colunista de tecnologia do New York Times, David Pogue, conta ter ficado impressionado com o uso da ferramenta como fonte de acesso à rede de contatos. Feita uma consulta, em 30 segundos duas pessoas responderam. “Fiquei impressionado”, conta Pogue em artigo⁷ que ele encerra classificando o Twitter como um canal com a capacidade de comunicação em tempo real, P2P (pessoa-a-pessoa), como nenhum outro. Pogue sugere que o usuário abandone a pergunta inicial e procure uma utilidade real para a ferramenta. De fato, a provocação inicial tem sido superada pelos diversos tipos de uso que o Twitter permite, mas ainda marca o tipo de interação que o sistema propõe e oferece.

Celulares e a hipérbole da virtualidade

Durante a campanha à presidência de Barack Obama, o Twitter foi amplamente utilizado como forma de comunicação com seu eleitorado⁸. A pergunta inicial foi substituída por informação e mobilização: Obama usou o Twitter para convocar eleitores ao recadastramento, divulgar endereços de locais de votação, anunciar sua vitória da convenção democrata, publicar links para vídeos com discursos no Youtube e atualizar sua agenda de compromissos de campanha, além de fornecer informações com exclusividade. Quando escolheu Hillary Clinton para sua equipe de governo, divulgou a notícia em primeira mão aos seus seguidores no Twitter para só depois passá-la à imprensa. Dois dias depois de sua posse, mais de 15 mil usuários já haviam se cadastrado como seguidores das informações postadas pela Casa Branca no Twitter⁹.

Depois de uma pausa nas atualizações quando as urnas o consagraram vitorioso, em novembro, Obama voltou a oferecer no Twitter atualizações aos seus seguidores, que puderam acompanhar a cerimônia de posse numa área especial em que as informações eram claramente voltadas aos leitores via celular¹⁰: “Se você ainda estiver em trânsito, sugerimos que você pegue a Rua 14 pelo oeste. Esteja agasalhado porque a sensação térmica é de 12 graus”.

As mensagens destinadas a usuários em trânsito, que serão lidas nos celulares, têm razão de ser: nos EUA, entre janeiro e julho de 2008 foram vendidos nove milhões de aparelhos celulares inteligentes, registrando crescimento de 71% nos negócios¹¹ em relação ao mesmo período do ano anterior¹² e maior percentual de aumento de vendas no mundo. Para os proprietários de *smartphones*, o Twitter oferece inúmeros aplicativos¹³ que facilitam o uso da ferramenta no celular, tanto para o envio como para o recebimento de atualizações em tempo real. Para usuários de aparelhos comuns, também é possível receber esse tipo de informação via SMS.

Para além da expressão pessoal que esses usuários buscam na web, tema já bastante trabalhado por autores como Paula Sibilia¹⁴, essas formas de interação social oferecem um caráter de instantaneidade que a web, sem a convergência com o celular, não pode prover, apesar de toda a expansão do acesso via rede sem fio e do crescimento na venda de notebooks¹⁵.

Aqui, vou seguir as afirmações de André Lemos, para quem “o telefone celular é a ferramenta mais importante de convergência midiática hoje” (Lemos, 2007: 1) e apresentar, nas suas características principais, o que o autor chama de três princípios da cibercultura: “qualquer um pode fazer vídeos e fotos; essa produção só faz sentido em conexão (princípio em rede); e essa conexão modifica práticas ‘sociais e comunicacionais’ (princípio de reconfiguração)” (Lemos, 2007: 32). Ainda segundo Lemos, os aparelhos são “suporte para sociabilidade”, característicos das formas sociais que surgiram com as TICs.

Os microblogs – que já ganharam ferramenta específica de busca¹⁶ – chegaram como mais um desses suportes de sociabilidade, oferecendo mobilidade na leitura e na atualização. Note-se que, com pacotes de dados de acesso à Internet via celular com aparelhos cada vez mais parecidos com computadores, a interligação entre um microblog na palma da mão e links disponíveis na web é rápida e fácil. A ferramenta já está sendo utilizada em diversas experiências de veiculação de notícias limitadas a 140 caracteres¹⁷.

São muitos os autores que indicam como as TICs têm impacto na experiência de temporalidade. Partindo do mesmo ponto indicado por Deleuze – as máquinas não são determinantes, mas expressam a maneira como estamos interessadas em utilizá-las –, este artigo pretende refletir numa perspectiva não-determinista tão bem expressa pelo filósofo: “É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las” (Deleuze, 1992: 223).

Se a modernidade era a época do primado do tempo lógico e subsequente, na qual passado, presente e futuro se sucediam em ordem linear, na pós-modernidade poder-se-ia dizer que a sociedade busca tipos de máquinas que permitam a afirmação do presente, que vão desde a expansão e o aprimoramento dos telefones móveis, até o crescimento da internet sem fio e a oferta de notícias em tempo real, mecanismos de aprofundamento da compressão espaço/tempo que marca a vida contemporânea. Quem bem resume as idéias de David Harvey sobre a permanente sensação de “agora” é Marilena Chauí:

A fragmentação e a globalização da produção econômica engendram dois fenômenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias de informação,

a compressão do espaço – tudo se passa aqui – sem distâncias, diferenças nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa agora, sem passado e sem futuro (Chauí, 2004: 151).

Assim, da mesma forma que a pergunta – “o que você está fazendo?” –, os microblogs remetem à sociedade de controle, na medida em que oferecem uma possibilidade de vigilância constante sobre o que o seu “seguido” está fazendo; quando acrescentam o “agora”, trazem para a interação também a questão do tempo. O e-mail – mesmo aquele ao alcance da palma da mão¹⁸ – e as ligações de voz, sempre condicionadas à disponibilidade de sincronicidade do usuário, estariam se tornando obsoletos diante da instantaneidade que o Twitter promete.

Autores como David Harvey, Jean François Lyotard e Zigmunt Bauman apontam para a questão da destemporalização da pós-modernidade, tema que se articula com a discussão que proponho sobre o uso dos microblogs como ferramentas que associam o ideal de *presentificação* com o da virtualidade total, em que o sujeito não precisa estar em lugar nenhum, desde que esteja conectado em rede. A expansão dos microblogs via celular, como o Twitter, confirmaria essa crescente demanda por tempo real?

É Harvey quem explora os aspectos de volatilidade e velocidade que marcam a condição pós-moderna não apenas nos seus aspectos políticos e econômicos, mas também na vida social. Para o autor, a compressão espaço/tempo obriga as pessoas a lidar com “a descartabilidade, a novidade, e as perspectivas de obsolescência instantânea” (Harvey, 2001: 258):

(...) hoje é tão importante aprender a trabalhar com a volatilidade quanto acelerar o tempo de giro. Isso significa ou uma alta adaptação e a capacidade de se movimentar com rapidez em resposta a mudanças de mercado, ou o planejamento da volatilidade (Harvey, 2001: 259).

À compressão temporal associa-se a questão da espacialidade. Bauman classifica os sujeitos da pós-modernidade em duas categorias: os turistas e os vagabundos (Bauman, 2001: 114). Os turistas ele define como aqueles que ligam e desligam o mundo, sem deixar nele qualquer marca duradoura. Para os turistas, as chaves do mundo funcionam com tanta facilidade que tornam o mundo “flexível, dócil, esborrável”. Já os vagabundos Bauman (2001: 118) define como seres que “se movem porque acham o mundo insuportavelmente inóspito”. A interseção entre os turistas e os vagabundos está no movimento. “O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe”, afirma Bauman (2001: 114). Microblogs via celular permitem esse movimento constante em que turistas ou vagabundos podem se deslocar mantendo sua conexão nas redes sociais que integram.

Bauman associa o movimento ao crescente uso dos telefones móveis quando afirma que os “celulares assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar” (Bauman, 2004: 81). Para ele, uma das principais características dos aparelhos é acabar com a diferença entre os lugares. Onde você está deixa de ser importante porque, em qualquer lugar que você esteja, está conectado.

A proposta tecnológica das ferramentas de produção dos microblogs articula-se tanto com as questões temporais discutidas por Harvey quanto com as espaciais apontadas por Bauman, na medida em que combina várias configurações: microblogs são capazes de conectar seus usuários em rede sem exigência de nenhum outro equipamento além do aparelho celular, cuja tendência crescente seria a de funcionar como um substituto ainda mais portátil do computador.

Vigilância voluntária

Descrito por Michel Foucault a partir da máquina panóptica de Jeremy Bentham, a vigilância definia, segundo o filósofo, a sociedade disciplinar, estruturada a partir da arquitetura de prisões, escolas, fábricas e hospitais. Na imagem original de Bentham, uma torre no centro de uma construção circular permitia que poucos vigiassem todos. Com a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, a mesma vigilância deixa de depender da presença do vigia e passa a ser exercida pelo amplo aparato tecnológico proporcionado pelas TICs, como câmeras, chips e satélites.

No sinóptico, seguindo a leitura que Zigmunt Bauman faz de Thomas Mathiesen, a equação se inverte, e muitos vigiam poucos. O autor explica essa inversão:

O sinóptico é, por sua natureza, global; o ato de vigiar desprende os vigilantes de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distância, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. Não importa mais se os alvos do sinóptico, que agora deixaram de ser os vigiados e passaram a ser os *vigilantes*, se movam ou fiquem parados. Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se – e se ligam – na rede extraterritorial que faz muitos vigiarem poucos. O panóptico *forçava* as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção – ele *seduz* as pessoas à vigilância (Bauman, 1999: 60, grifos do autor).

Para Bauman, o sinóptico é marcado pela idéia de que poucos merecem ser seguidos – ele usa como exemplo as celebridades cuja vida glamourosa é seguida por muitos. “De onde quer que venham, no entanto, todas as celebridades exibidas colocam em exibição o mundo das celebridades – um mundo cuja principal característica é precisamente a condição de ser observado”, diz o autor (Bauman, 1999: 61).

No ambiente de hiperconexão proporcionado por ferramentas como o Twitter, elas seriam concretizadas como uma espécie de hipérbole do “show do eu” – para usar a expressão de Sibilía –, numa entrega voluntária à vigilância proporcionada pela hiperconectividade. Microblogs exerceriam esta “sedução à vigilância” a que se refere Bauman.

Se, como tão bem aponta Sibilía, blogs e outras ferramentas da Web 2.0 oferecem a possibilidade de um show de intimidade, a hipótese que discuto neste trabalho mostra o ambiente multiplataforma de microblogs como um espaço que pode unir, numa só ferramenta, exposição da intimidade com atualização em tempo real, oferta de vigilância espontânea e conectividade total, superando as piores previsões de Gilles Deleuze para a sociedade de controle. “Não há necessidade de ficção científica para conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica)”, dizia o filósofo (Deleuze, 1992: 224). Embora a associação mais imediata pudesse ser com o GPS e seus mecanismos de localização por satélite, o que se observa é que a resposta à provocação inicial do Twitter – “o que você está fazendo agora?” – passa a prover esse tipo de informação voluntariamente, como o sinóptico sedutor de Bauman.

Um pequeno exemplo de como os usuários do Twitter informam sua posição a cada instante está na área do Twitter do jornalista Paulo Roberto Pires¹⁹, onde há dois tipos de conteúdo: títulos com links para os textos do seu blog e mensagens publicadas pela plataforma móvel do Twitter²⁰. Alguns exemplos ilustram o uso do espaço para, de fato, responder à pergunta que o Twitter propõe:

o verão começou. E no jobi²¹. 9:01 PM Jan 7th from mobile web
Flores para Iemanjá 1:54 PM Dec 31st, 2008 from mobile web
Acaba, 2008, acaba 1:53 PM Dec 31st, 2008 from mobile web
no almoço pós-Natal 3:21 PM Dec 26th, 2008 from mobile web

É um tipo de registro mais pessoal do que os textos publicados no seu blog²² e que dão aos seguidores de Paulo Roberto Pires a possibilidade de saber dos seus humores, lugares que frequênta e atividades cotidianas, informações que não estão disponíveis no blog, dedicado a discutir temas sobre cultura na versão online da revista Bravo. Nesse tipo de uso de Pires, a ferramenta se confunde com o Facebook, rede social que parte da mesma pergunta e recentemente passou a propiciar integração com o Twitter.

Os usuários têm acesso a aplicativos que permitem o intercâmbio de mensagens entre um e outro: o usuário do Facebook pode importar para o seu perfil as mensagens publicadas no Twitter e pode usar o Facebook como instrumento de atualização da sua área no Twitter. As duas ferramentas provocam o usuário com a

mesma pergunta – “o que você está fazendo agora?” – e atuam como parceiras na rede, exemplificando a idéia de interação geral das ferramentas tal como será descrito por David de Ugarte a seguir.

Lifestream e a referencialidade aberta da web

Além de articular as características exploradas até aqui – compressão espaço-temporal através de uma rede que se move com o usuário e a entrega à vigilância voluntária – ainda é importante tentar demonstrar como as possibilidades tecnológicas permitem ao usuário do Twitter se apresentar como um grande conjunto de referências abertas e manter sua área pessoal atualizada a partir de uma remessa infinita de links e referências. Ao sujeito caberia configurar essa rede de referencialidades que o definiria.

Para isso, é preciso que o site forneça um *feed* de notícias em RSS²³, um formato de conteúdo intercambiável que permite a importação e exportação automática de textos publicados, que podem ser reunidos num agregador desse conteúdo²⁴. Essa lógica de agregação a partir do sujeito quem explica é Ugarte, para quem está em curso um processo de upgrade da Web 2.0 para a versão 2.1 que teria três principais características: a possibilidade de reunir num só lugar os serviços já existentes da Web 2.0, o crescimento de blogs que se tornam nós de rede – não mais a publicação autoral, mas a distribuição de informações do seu entorno –, tudo isso baseado em RSS como o “sangue digital” que alimenta o fluxo da blogosfera. Com essas características, Ugarte propõe a Web 2.1 como uma espécie de bricolagem, em que tudo é só referencialidade, link, conexão.

A integração a que ele se refere concretizaria o conceito de *lifestream* – uma espécie de transmissão contínua da vida. Definida como um registro online das atividades diárias de uma pessoa, inclui a convergência de todas as informações e referências do sujeito, que apareceria não mais apenas como produtor da sua escrita, mas também como uma referência a outros objetos – textos que escreve ou lê, músicas, fotos – que bastariam para defini-lo.

Na *lifestream*, o sujeito seria fornecedor de um RSS completo sobre si, com informações com os textos que escreve e que lê, detalhes sobre sua vida pessoal, suas fotos, os links que considera relevantes, as músicas que ouve, os vídeos a que assiste²⁵ ou produz. Essa reunião serviria para demonstrar as afirmações de Sibilia: “as escritas de si constituem objetos privilegiados quando se trata de compreender a constituição do sujeito na linguagem (ou nas linguagens) e a estruturação da própria vida como um relato – seja escrito, audiovisual ou multimídia” (Sibilia, 2008: 35). Nos microblogs essa escrita de si torna-se ainda mais aberta, porque se faz a partir da reunião de links e referências.

Quatro relatórios com as atividades anuais de Nicholas Feltron²⁶, 31 anos, morador de Nova York, oferecem informações quantitativas que consolidam seu

perfil e estilo de vida: em 2008, Feltron ficou quatro dias doente, fez 545 viagens de metrô, visitou sete museus, foi a 20 festas de aniversário, foi 14 vezes ao cinema, leu 14 livros e tirou 1.468 fotografias. Quando foi publicado, no último dia 13 de janeiro, os 293 seguidores de Feltron no Twitter foram comunicados com a seguinte mensagem: “querida Internet, a minha documentação elaborada sobre um ano simples está agora online”²⁷. Feltron é idealizador do site Daytum²⁸, que promete “rastrear qualquer coisa que possa ser contada e mostrar os resultados imediatamente”, e desde 2005 faz do seu próprio relatório anual a demonstração do tipo de uso que seu sistema pode ter. O documento que ele apresenta é um conjunto de páginas navegáveis com dados quantitativos, gráficos, mapas e links externos que demonstram algumas das informações publicadas e exemplifica bem o que Lemos explica como sendo uma “subjetividade exteriorizada, desterritorializada, efêmera”. Diz o autor:

A vida comum transforma-se em algo espetacular (atrai e prende o olhar) e ao mesmo tempo especular (reflete o olhar, o espelho). Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal (Lemos, 2007: 38).

A *lifestream* quantificável de Feltron, os microblogs multiplataforma como o Twitter e as ferramentas de agregação de conteúdo configurariam a possibilidade de pensar o sujeito conectado como efeito de uma remessa infinita de referências?

Ao pensar os aspectos da hipertextualidade, George Landow faz uma ligação com o pensamento de Jacques Derrida, para quem a linguagem é uma referencialidade aberta. Para Landow, é Derrida quem melhor enfatiza a abertura textual, a intertextualidade e a irrelevância da distinção dentro/fora de um texto, características apontadas por Landow também no hipertexto. O autor define a hipertextualidade como um sistema intertextual que dá forma aos pensadores da linguagem, como Derrida e Roland Barthes, que eu cito:

Nesse texto ideal, as redes são múltiplas e se entrelaçam, sem que nenhuma possa dominar as outras; esse texto é uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados; não tem início, é reversível; nele penetramos por diversas entradas, sem que nenhuma possa ser considerada principal; os códigos que mobiliza perfilam-se *a perder de vista*, eles não são dedutíveis (o sentido, nesse texto, nunca é submetido a um princípio de decisão e sim por lance de dados); os sistemas de sentido podem apoderar-se desse texto, absolutamente plural, mas seu número nunca é limitado, sua medida é o infinito da linguagem (Barthes, 1992: 39, grifo do autor).

Em Derrida, os significantes só são compreensíveis a partir de uma cadeia de significantes, num jogo de remetimentos e referências em que um significante depende do seu anterior e do seu posterior para fornecer algum “sentido”. Isso que o filósofo chama de “jogo de remetimentos” promove uma produção constante de diferenças. Importante comentador da obra derridiana, Geoffrey Bennington utiliza o exemplo do dicionário para demonstrar esse processo, lembrando que, se procurarmos no dicionário o significado de um significante desconhecido, só encontraremos outros significantes, nunca um significado, num jogo infinito que nos leva a só compreender um significante segundo sua posição em relação a outros significantes.

“Um significado não é mais do que um significante posto numa certa posição por outros significantes: não existe significado ou sentido, só há ‘efeitos’”, diz Bennington (Bennington e Derrida, 1996: 34). No jogo de referencialidades que os microblogs oferecem, o sujeito apareceria como “efeito” das suas ligações, que podem estar dentro (conteúdo que ele mesmo produz) ou fora (links externos para textos, áudio ou vídeos que o agradam e o interessam), concretizando o que Derrida escreveu em *Gramatologia*, obra de 1967: “Há coisas, águas e imagens, uma remessa infinita de uns aos outros, mas sem nascente” (Derrida, 2004: 29).

Assim, quando o RSS permite que um microblog se constitua a partir da reunião de uma série de referencialidades abertas que são trazidas pelo usuário como forma de configuração do seu perfil, o que se teria seriam sujeitos que apresentam narrativas de si a partir do apontamento de links que servem para defini-lo, nessa remessa infinita de uns aos outros.

Considerações finais

O que se pretendeu apresentar aqui foram questões suscitadas pelo uso dos microblogs, cujas características permitiriam a sua associação às ferramentas de concretização da “alta adaptação e a capacidade de se movimentar com rapidez” a que se refere Harvey. Embora esses traços já tenham sido identificados por diversos autores que acompanham o desenvolvimento da Web 2.0, busquei demonstrar foi que a promessa de hiperconectividade estaria apontando para uma hipérbole das características da Web 2.0. Quando Ugarte fala em uma versão 2.1 – dando a ideia de um *upgrade* –, indica a hipótese de mais um passo em direção à prometida combinação entre ferramentas de sociabilidade, tempo real e novas possibilidades de configuração do sujeito.

Finalizo apresentando como Lyotard – em 1979, portanto muito antes da chegada da Web 2.0 – pensou o “eu” a partir de uma rede de relações “mais complexa e móvel do que nunca”:

Está sempre, jovem ou velho, homem ou mulher, rico ou pobre, colocado sobre os nós dos circuitos de comunicação, por ínfimos que sejam. É preferível dizer: colocados nas posições pelas quais passam mensagens de natureza diversa (Lyotard, 2000: 28).

O autor falava em “‘atomização’ do social em redes de jogos de linguagem” (Lyotard, 2000: 31) para demonstrar a crescente demanda pela flexibilidade dos enunciados. Por um lado, o que as ferramentas mais recentes trazem são as possibilidades de realização dessa demanda de flexibilidade. Por outro lado, a articulação entre os microblogs, a convergência entre web e os dispositivos móveis estaria transformando o “estar conectado” da condição pós-moderna em condição permanente de conexão, que se imporia também como condição de existência.

Carla Rodrigues
Professora da PUC-Rio
carla@puc-rio.br

Notas

1. www.twitter.com
2. m.twitter.com
3. No Brasil, o site <http://sms.blog.br/> oferece aos tuiteiros a possibilidade de enviar textos via celular mediante assinatura gratuita, até 20 de janeiro de 2009, data da última consulta, mas ainda não existe a possibilidade de receber as atualizações via SMS.
4. http://cdnqa.hubteam.com/State_of_the_Twittersphere_by_HubSpot_Q4-2008.pdf
5. <http://twitterfeed.com/>
6. Pedro Doria (www.pedrodoria.com.br) atualiza seu espaço no Twitter (www.twitter.com/pd_weblog) com pequenos resumos do que publica no blog, favorecendo a interação entre as duas plataformas. A ferramenta funciona como forma de incremento dos leitores do blog na medida em que os remete diretamente ao site. Todas as notas começam com “Agora, no Weblog”, são seguidas do mesmo título do texto que está no blog e remetem, via link, para o site, num processo automatizado.
7. http://www.nytimes.com/2009/01/15/technology/personaltech/15pogue-email.html?pagewanted=1&_r=1&partner=permalink&exprod=permalink
8. <http://twitter.com/BarackObama>
9. <http://idgnow.uol.com.br/internet/ideia20/>
10. <http://twitter.com/obamainaugural>
11. http://www.npd.com/press/releases/press_080908.html
12. Embora o percentual de crescimento na venda de celulares inteligentes nos EUA não

seja comparável ao brasileiro em termos de tamanho nem de crescimento, o mercado nativo acelerou na corrida pela mobilidade. Operadoras de telefonia estimavam alcançar a base instalada de 800 mil *smartphones* até o final de 2008, segundo o IDG <<http://idgnow.uol.com.br/telecom/2007/07/24/idgnoticia.2007-07-24.4808755460/>>. O número ainda é percentualmente insignificante em relação aos 106 milhões de usuários de celulares no país, mas chamam a atenção as taxas de crescimento: eram apenas 300 mil usuários em dezembro de 2007.

13. Os desenvolvedores do Twitter oferecem a API (<http://apiwiki.twitter.com/>) do software e a maioria dos aplicativos é desenvolvida em esquema de desenvolvimento colaborativo e oferecido gratuitamente.

14. Este artigo pretende dialogar com as idéias apresentadas pela autora em seu trabalho sobre a exposição da intimidade na web (Sibilia, 2008).

15. Em 2008, a venda de notebooks ultrapassou a dos computadores de mesa tanto nos EUA quanto no Brasil, tendência esperada para a base instalada de PCs em todo o mundo. O Worldwide Quarterly PC Tracke mostra que, enquanto as vendas mundiais de desktops devem apresentar uma taxa de crescimento médio anual de 3,8% ao ano até 2011, os portáteis sustentarão um crescimento médio de 16,1% ao ano, no mesmo período. Como resultado, os portáteis representarão mais de 50% de toda a base de PCs no mundo em quatro anos, e a média de crescimento geral do mercado de PCs será de 9,1% até 2011. < http://idgnow.uol.com.br/computacao_pessoal/2007/03/20/idgnoticia.2007-03-20.5440272066/>

16. <http://www.twingly.com/microblogsearch>

17. Fernando Firmino da Silva explora o uso jornalístico dessas ferramentas, discutindo como o que ele chama de “ambiente móvel de produção” poderia vir a reestruturar o campo do jornalismo no que diz respeito à produção e difusão da informação, que ganharia ainda mais instantaneidade (Silva, 2008: 271).

18. Os serviços de sincronia de e-mail em tempo real já rodam em 14 milhões de *smartphones* no mundo.

19. <http://twitter.com/paulorpires>

20. O Twitter informa ao leitor de que plataforma partiu o texto publicado.

21. Bar no Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro.

22. <http://bravonline.abril.uol.com.br/blog/paulorbertopires/>

23. Abreviatura de Real Simple Syndication. O RSS foi definido como padrão pelo consórcio W3C para facilitar a agregação de conteúdo armazenado em base de dados e utiliza-se da linguagem XML (Extensible Markup Language), uma evolução do HTML, padrão definido pelo mesmo consórcio.

24. Já existem sites como o Alltop (<http://alltop.com/>) que não produzem nenhum tipo de conteúdo; apenas recolhem RSS de outros sites e os agregam num mesmo endereço, em geral classificados por categorias.

25. É grande a oferta de plataformas de *lifestreaming*. Em *Lifestreamblog* (<http://lifestreamblog.com/create>) há uma lista de ferramentas de integração disponíveis. Já o *I Begin* (<http://www.ibegin.com/labs/wp-lifestream>) oferece download e instalação gratuitos e número ilimitado de RSS.

26. <http://feltron.com/>
27. <http://twitter.com/feltron?page=2>
28. <http://daytum.com/>

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BENNINGTON, Geoffrey e DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- CHAUI, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: NOVAES, Adauto. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 34ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- JAVA, Akshay e FININ, Tim. *Why we Twitter: understanding microblogging usage and communities*. Disponível em: <http://ebiquity.umbc.edu/_file_directory_/papers/369.pdf>. Última consulta em: 24 jan. 2009.
- LANDOW, George P. *Hipertext 3.0: critical theory and new media in a Era of Globalization*. 3ª ed. Maryland: The John Hopkins University Press, 2006.
- LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 4, n. 10, 2007. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/5016/4640>>.
- LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, Fernando. Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra. *Blogs.com: estudos sobre comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2008.
- UGARTE, David. *El poder de las redes*. Disponível em: <http://www.deugarte.com/gomi/el_poder_de_las_redes.pdf>. Última consulta em: 24 jan. 2009.

Resumo

A partir de uma apresentação e análise do Twitter, este artigo pretende discutir os microblogs e três de suas características: a compressão espaço/tempo proporcionada pela oferta de hiperconectividade, a entrega voluntária a mecanismos de autovigilância, possíveis pelo uso de dispositivos móveis, e a concretização de um conceito de *lifestream* – ou vida ao vivo –, em que o sujeito se apresenta e se configura como um conjunto de referencialidades abertas, nas quais a distinção fora/dentro deixa de ser importante e confundem-se a escrita de si com referências externas que também definiriam o sujeito. O trabalho propõe pensar a articulação entre a condição pós-moderna e a condição permanente de conexão.

Palavras-chave

Twitter; Microblogs; Web 2.0.

Abstract

What are you doing now? Three issues about microblogs

From a presentation of Twitter, this paper aims to discuss the microblogs and three of its characteristics: the compression time/space provided by the hyperconnectivity, the adherence to voluntary mechanisms self with the use of mobile devices, and the concept of Lifestream – or to live life – in which the subject is presented and is configured as an open set of reference. The distinction outside/inside is no longer important and external references that define the subject. The paper proposes think the relationship between the postmodern condition and the condition of permanent connection.

Key-words

Twitter; Microblogs; Web 2.0.